

Atentado no Rio é mistério até hoje

Tentativa de botar fogo em prédio no Centro foi mantida em sigilo por organizadores do comício da Candelária

Leticia Helena

• Três focos de incêndio e um mistério que perdura até hoje: o que pretendiam os homens que tentaram botar fogo no prédio de número 502 da Avenida Presidente Vargas, na noite de 10 de abril de 1984? Testemunhas ouvidas pelo GLOBO, que passaram horas tentando debelar as chamas, não têm dúvidas. Os incendiários, dois ou três homens, vestidos de preto, que escaparam pela cobertura, planejavam sabotar o comício da Candelária, que, naquela noite, atraía um milhão de pessoas, espalhadas por toda a avenida.

A polícia abriu inquérito e a perícia concluiu que o incêndio — em três andares e três horários diferentes — fora criminoso. A investigação, porém, chegou ao fim classificando o episódio de “coisa de amor” e sem apontar culpados. Já sindicatos e grupos de esquerda que tinham transformado o edifício numa espécie de quartel-general da organização do comício tinham outra versão: quem planejara a ação queria parecer amor. Mas para que nada desandasse antes da votação da emenda Dante de Oliveira, marcada para dali a 15 dias, os grupos de esquerda preferiram o silêncio. Ainda mais porque tinham muito viva a lembrança dos atentados a bancas de jornais, no início dos anos 80, praticados por comandos de direita e atribuídos à esquerda para desestabilizar a volta da democracia.

— Sabíamos que a ditadura estava agonizando, mas não dava para afirmar que acabara. Concluímos que era melhor não divulgar a história. Só não tenho dúvidas de que foi atentado — diz o ex-diretor do Sindicato dos Petroleiros Vladimir Mutt, um dos responsáveis pela organização do comício e pela segurança do prédio 502.

O esquema de segurança do prédio previa a vistoria dos 22 andares de dez em dez minutos. O primeiro foco de incêndio, no sexto andar, foi descoberto por volta das 18h. Não causou suspeita e as chamas foram rapidamente apagadas. As dúvidas esquentaram quando, às 19h30m, surgiu o segundo foco, no 16º andar, na caixa da fiação elétrica e telefônica. No local havia uma estopa embebida em combustível e fósforos.

— Aí decidimos tirar todos do prédio. Avisei que quem ficasse seria tratado como suspeito. E chamamos os bombeiros, discretamente, para não assustar a multidão.

Por volta das 22h, um funcionário ouviu passos no telhado — as coberturas entre a Rua Uruguaiana e a Avenida Rio Branco são interligadas, facilitando a passagem de um prédio ao outro. Os organizadores do comício foram até lá e ainda puderam ver os homens correndo. Eles haviam arrombado com um pé de cabra a porta do prédio ao lado, onde funcionava o Detran, e tentaram botar fogo na casa de máquinas do 502.

— Não tenho dúvidas de que salvamos muitas vidas. Imagine a confusão que seria um incêndio

na Presidente Vargas. E quem garante que os incendiários não planejavam também jogar alguma coisa na multidão? — diz Ivan Pinheiro, então presidente do Sindicato dos Bancários e integrante da comissão organizadora do comício.

Fla-Diretas virou sensação no Maracanã

• Alheia à confusão, a multidão aplaudia com fervor os discursos de Ulysses Guimarães, Tancredo Neves e Franco Montoro. Os integrantes da Fla-Diretas estavam entre os mais entusiasmados — ao longo dos últimos meses eram a sensação no Maracanã. A torcida, que tinha logomarca assinada por Henfil, escolhera o jogador Figueiredo, já falecido, para padrinho. Sutil ironia com o presidente Figueiredo, tricolor. No comando da farra, entre outros, os futuros cassetas Cláudio Manoel, Bussunda e Marcelo Madureira, o hoje prefeito de Vitória Luiz Paulo Velloso Lucas (tricolor convertido à causa política) e o hoje presidente do Instituto Pereira Passos, Sérgio Besserman.

“Concluímos que era melhor não divulgar. Só não tenho dúvidas de que foi atentado”

VLADIMIR MUTT • EX-DIRETOR DO SINDICATO DOS PETROLEIROS

“Quem garante que os incendiários não planejavam também jogar alguma coisa na multidão?”

IVAN PINHEIRO • EX-PRESIDENTE DO SINDICATO DOS BANCÁRIOS

— Nossa intenção não era doutrinar. Queríamos apenas externar a vontade coletiva pela volta da democracia. Tenho muito orgulho daquele momento. E, com a volta da democracia, o fato é que o povo passou a viver melhor. A desigualdade persiste, mas avançamos muito em saúde e educação — diz Besserman.

Outro orgulhoso integrante da campanha, o cineasta Sílvio Tendler foi aos comícios da Candelária e da Praça da Sé. Nas ruas, imagens semelhantes às exibidas em seu filme “Jango”, que arastava multidões naquele início de 1984. Emoção dobrada para quem cerrara fileiras contra a ditadura na Passeata dos Cem Mil em 1968:

— Tanto 1968 quanto 1984 são momentos mágicos e inesquecíveis para a minha geração.

Momentos inesquecíveis também para a mãe de Roberta Levy, que estava na sala de parto quando soube que a emenda Dante de Oliveira fora derrotada. Aluna de marketing na Univercidade, Roberta, que completa 20 anos hoje, adora a idéia de ter nascido em data tão importante:

— A campanha das Diretas garantiu ao povo o direito de escolher seus dirigentes. E essa liberdade não tem preço. ■



NA CANDELÁRIA, um milhão de pessoas no comício pelas Diretas: tentativa de sabotagem foi abortada